

Sarney

Ulysses e Aureliano: toda força ao presidente

O encontro do presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, Ulysses Guimarães, com o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, presidente de honra do PFL, terá conseqüências. Os dois líderes — e presidenciáveis — estão convencidos de que todo o esforço deve ser feito para preservar a autoridade do presidente Sarney, cujo tempo de mandato foi submetido a um plebiscito no Paraná, ontem, com a participação de mais de 14 peemedebista.

Da conversa reservada que tiveram sábado à noite, no apartamento do ministro das Minas e Energia, Ulysses e Aureliano saíram vacinados contra eventuais escaladas de governadores e decidiram unir esforços para o bom desempenho da Assembleia Nacional Constituinte. Se houver frustração, ou se os constituintes não atuarem à altura da missão que lhes foi delegada pela sociedade — acentuaram —, a derrocada das instituições democráticas será inevitável.

Aureliano disse a Ulysses que tudo fará para prestigiar sua atuação na presidência da Constituinte. "O Brasil precisa de uma nova Carta constitucional para consolidar a vida democrática", afirmou o ministro, com a condescendência de Ulysses. E ambos firmaram compromisso de lutar juntos na Constituinte e nos respectivos partidos para superar as eventuais divergências na elaboração da Constituição.

Eles decidiram, ainda, trabalhar juntos nas áreas de influência de cada um, pela preservação da autoridade do presidente. Para eles, a ação de alguns governadores, pressionando Sarney para encaixar na Esplanada dos Ministérios seus candidatos pessoais, representa uma pressão inaceitável. Não tem sentido, observaram, que este ou aquele governador, pensando mais no prestígio pessoal, façam ultimatos ao chefe da Nação.

Sarney: "Soco na mesa não funciona"

A área militar é a única que não me dá problemas", afirmou o presidente José Sarney em entrevista ao jornal Correio Braziliense, depois de frisar que não existe perspectivas de golpe, e os comentários nesse sentido "não passam de especulação". Acontece, segundo o chefe do governo, "que as pessoas ainda estão desascostumadas a um regime de liberdade e democracia", e cita sem especificar a "insatisfação de alguns setores".

O presidente Sarney afirma que tem tomado "as decisões mais firmes do período contemporâneo da política brasileira", rebatendo as acusações feitas repetidamente pelo PMDB e o PFL sobre as indefinições do governo. "O que eu não faço, porque não é do meu estilo e também por não ser do interesse público, é usar da autoridade para convertê-la em arbítrio ou perseguir as pessoas, ou usar indevidamente o poder", acrescentou o presidente da República.

Indagado sobre a razão de não adotar uma política mais afirmativa, conforme acentuam os críticos do governo, Sarney observou que "a política do tipo soco na mesa não funciona. Este é um tipo de demagogia, e eu tenho horror à demagogia porque ela aceita sempre com soluções fáceis para problemas difíceis, e é a maneira que se tem de enganar o povo".

O presidente reconhece, porém, a insatisfação de alguns setores, "como o caso do Im-

O ministro e o presidente do PMDB comentaram que eventuais intrigas ou especulações não os atingirão. "Temos compromissos assumidos em horas difíceis para o País, que resultaram no documento que deu origem à Aliança Democrática. Esse compromisso ainda não foi de todo saldado", disse Aureliano Chaves. Segundo o ministro, a sociedade e os políticos não podem deixar de colaborar com o esforço do presidente Sarney na busca de solução à crise sócio-econômica.

Plebiscito

Se depender da vontade dos 14 mil militantes do PMDB do Paraná, a duração do mandato do presidente Sarney será mesmo de quatro anos, como mostram os primeiros resultados da consulta feita ontem entre dirigentes do partido em todo o Estado. Em Curitiba, mais de 80% dos votantes querem mandato de quatro anos para Sarney. Para os futuros mandatos, apenas 60% confirmaram essa opção; e mais de 30% preferiram mandatos de cinco anos. No Interior, uma apuração parcial indicou a mesma tendência da Capital.

O prefeito de Curitiba, Roberto Requião, votou nos quatro anos, mas alertou: "Se não for controlada a economia, teremos eleições diretas já depois da Constituinte". O governador Álvaro Dias, que também optou pelos quatro anos, lembrou que "não podemos responsabilizar o presidente pela crise econômica, mas devemos cobrar resultados, porque a população está chegando ao limite de resistência". O presidente regional do PMDB, deputado federal Maurício Fruet, anunciou a realização de outro plebiscito, para definir o sistema de governo, se parlamentarista ou presidencialista.

posto de Renda, que provocou e está provocando uma grande reação". Mas o governo está apenas executando, conforme esclareceu, a legislação que foi votada pelo Congresso, em 85, quando foi feita a reforma tributária. "Eu procurei aliviar o problema através de um decreto, dilatando o prazo de pagamento sem correção monetária, mas isso não exclui o prosseguimento das análises sobre o Imposto de Renda, de modo a verificar se realmente as denúncias de taxaço impossível de ser paga correspondem à realidade dos fatos. Sarney friso não ter feito ainda sua declaração do Imposto de Renda.

Sarney afirmou que em seus dois anos de governo o País já está mudado e a situação social é diferente. A turbulência que o País atravessa hoje, conforme acentuou, é motivada pelo crescimento, citando como exemplo a maior safra agrícola da história e o terceiro saldo de exportação do mundo no ano passado. O presidente Sarney nega, na entrevista, que os economistas Pêrsio Arida e André Lara Resende estejam elaborando um plano de reajustamento econômico que tenha de ser apresentado até o mês de maio. "O plano existe — observa o presidente —, mas economia não é geometria, e todo dia são necessários corretivos estratégicos".

Na entrevista, Sarney reafirmou que a Aliança Democrática "é o grande instrumento de sustentação política do governo".